

## REPRESENTAÇÕES ESPÍRITAS DO ALÉM: O CASO CHICO XAVIER

Fábio Luiz da Silva<sup>i</sup> - PPG-UNESP/Assis/FML

Pode parecer estranho estudar o Espiritismo, uma doutrina do século XIX, a partir de um tema medieval porém, ao tomarmos contato com a literatura espírita produzida no Brasil, percebemos inúmeras referências a elementos medievais. Neste caso especificamente tratamos da obra “Nosso Lar”, de Francisco Cândido Xavier, onde André Luiz é o personagem principal e que narra e descreve suas próprias aventuras na vida após a morte. O objetivo do livro, segundo o prefácio, é demonstrar aos leitores que a condição da vida após a morte é consequência do comportamento aqui na terra, comparada a uma oficina sagrada e uma escola benemérita. É, portanto, um *exemplum*, uma narrativa para servir de alerta para que os vivos não menosprezem as oportunidades da vida.

Entre outras possibilidades de interpretação da obra, escolhemos utilizar a representação da Jerusalém Celeste devido às muitas semelhanças existentes entre esta e a cidade espiritual descrita por André Luiz. A isso soma-se uma referência textual à *Grande Jerusalém*. Assim, como veremos a seguir, a cidade “Nosso Lar” é uma mistura das modernas concepções de metrópole contemporânea e de antigas representações medievais. Pois, se o sagrado se manifesta sempre em um contexto histórico revelando particularidades de lugar e de tempo, ele também permite ver traços de antigas tradições religiosas.

A idéia da construção ou da vinda de uma nova Jerusalém já aparece no Antigo Testamento. Em Isaias (65, 17-18): “Com efeito, vou criar céus novos e uma terra nova; assim, o passado não será mais lembrado, ele não subirá mais ao coração. Pelo contrário, é um entusiasmo e uma exultação perpétuos que eu, eu vou criar: com efeito, a exultação que vou criar, será Jerusalém e o entusiasmo será seu povo.”<sup>ii</sup> Em outra passagem, agora em Ezequiel (40, 2-4) que encontramos: “Em visões divinas, levou-me para a terra de Israel; postou-se sobre um monte, sobre o qual, ao sul, havia como que

edifícios de uma cidade. Ele me levou lá; e eis: um homem. Seu aspecto era como o aspecto do bronze. Tinha na mão como um cordão de linho e uma vara de medição. Estava de pé, à porta.”. Jerusalém é o local para onde vão os eleitos depois das provações. Porém, é mais que isto, é também o modelo eterno e original da cidade terrena. Em Paulo lemos: “Mas a Jerusalém do alto é livre, ela é a nossa mãe” (Gálatas 4,26).

Desta forma, foi se construindo uma certa imagem do que seria a Jerusalém Celeste. E para esta representação, o Apocalipse de João, contribuiu muito. A idéia de uma porta no céu por onde passam os escolhidos: “Depois disso, eu vi: Uma porta estava aberta no céu, e a primeira voz, que eu ouvira falar-me, tal trombeta, disse: Sobe até aqui, e te mostrarei o que deve acontecer a seguir.” Igualmente a existência de anciãos em volta do trono: “Ao redor do trono, vinte e quatro tronos, e sobre estes tronos sentavam-se vinte e quatro anciãos, vestidos de branco, com coroas de ouro sobre a cabeça.” (4,4). Apesar destas passagens não citarem Jerusalém Celestes, operou-se uma fusão com a descrição do capítulo 21: “Ele arrebatou-me em espírito em uma grande e alta montanha, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus. Ela brilhava com a própria glória de Deus. Seu esplendor era como o de uma pedra preciosa, como pedra de jaspe cristalino. Tinha espessas e altas muralhas. Tinha doze portas, e nas doze portas, doze anjos, (...)” (21, 10-12)

Vamos agora à obra de “Nosso Lar”, escrita na metade do século XX e que já vendeu milhões de exemplares. André Luiz é o espírito que narra a sua chegada ao mundo dos espíritos, seu resgate de uma região de sombras para uma cidade espiritual cujo nome dá título ao livro.

Depois de passar cerca de oito anos em uma região de sofrimentos, ele é retirado de lá por um espírito chamado Clarêncio, que apoiava-se num cajado luminoso. A imagem do pastor que recolhe a ovelha perdida é muito sugestiva, bem como o lençol branco utilizado para carregá-lo ou ainda as túnicas brancas de linho usadas pelos auxiliares de Clarêncio. Mas o que nos interessa aqui é a cidade. “Clarêncio, que se apoiava num cajado de substância luminosa, deteve-se à frente de grande porta encravada em altos

muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas.”<sup>iii</sup>. Como toda cidade medieval, inclusive a Jerusalém Celeste, a cidade espiritual “Nosso Lar” é cercada por muralhas. Muralhas que servem como proteção contra o ataque das trevas. Separados do exterior caótico pelas muralhas, os habitantes de “Nosso Lar” podem usufruir da sacralidade do lugar. Sacralidade expressa, por exemplo, pelo palácio do governador, localizado no centro da cidade, no mesmo local onde a cidade começou. Possuir um centro é característica do espaço sagrado, pois indica a organização, o domínio sobre as forças natureza, o cosmo. Também o muro, ou a parede de pedras, estão entre as mais antigas formas arquitetônicas ligadas aos santuários. À esta velha muralha, no entanto, André Luiz acrescenta um toque moderno quando afirma que em certo momento o governador da cidade “mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum.”<sup>iv</sup>. Ou seja, em vez de anjos com espadas flamejantes, canhões magnéticos, mas com as mesmas funções.

O simbolismo dos números parece acompanhar aqui também as descrições do além. “Nosso Lar” possui setenta e dois ministros divididos em seis ministérios, o que equivale a doze ministros para cada ministério. Doze também é um bastante número representativo: doze apóstolos, doze tribos de Israel, doze portas, doze anjos, doze torres vistas pelo Paulo e citadas em seu apocalipse. A cidade espiritual possui a forma de uma estrela de seis pontas, cada uma correspondendo a um ministério. O governador de “Nosso Lar” possui três mil funcionários ligados aos trabalhos administrativos. Como vemos, os números apresentados não são aleatórios e seguem o padrão mais tradicional.

A água sempre fez parte das representações religiosas e sua presença no jardim do éden e no paraíso celeste é bastante conhecida. Na obra que estamos estudando não poderia faltar tal elemento. O capítulo dez é dedicado ao bosque das águas, cuja descrição inicial de André Luiz transcrevemos literalmente para que o nosso leitor tenha idéia do que comentamos:

“Deslumbrou-me o panorama de belezas sublimes. O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranqüila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso.”<sup>v</sup>

No “Apocalipse de Paulo” aparecem quatro rios: de mel, de leite, de vinho e de óleo<sup>vi</sup>. O que representa uma fusão das imagens do Jardim do Éden às da cidade celestial. O mesmo ocorre no texto espírita, o rio azul atravessa um bosque cheio de flores também azuis. Em outras passagens não faltam as frutas, as flores e outros elementos paradisíacos.

“Cores mais harmônicas, substâncias mais delicadas. Forrava-se o solo de vegetação. Grandes árvores, pomares fartos e jardins deliciosos. Desenhavam-se montes coroados de luz, em continuidade à planície onde a colônia repousava. Todos os departamentos apareciam cultivados com esmero. A pequena distância, alteavam-se graciosos edifícios. Alinhavam-se a espaços regulares, exibindo formas diversas. Nenhum sem flores à entrada, destacando-se algumas casinhas encantadoras, cercadas de muros de hera, onde rosas diferentes desabrochavam, aqui e ali, adornando o verde de cambiantes variados. Aves de plumagens policromas cruzavam os ares e, de quando em quando, pousavam agrupadas nas torres muito alvas, a se erguerem retilíneas, lembrando lírios gigantescos, rumo ao céu.”<sup>vii</sup>

Em certos momentos, Nosso Lar parece-nos muito mais um mosteiro. Trabalho constante, o serviço de auxílio, as preces constantes, a música. Não poderia faltar música celestial em uma cidade do além. Há, por exemplo, o Grande Coro do Templo da Governadoria que, aliando-se aos meninos cantores, entoou, em certa ocasião, um hino chamado “Sempre Contigo, Senhor Jesus”, eram duas mil vozes reunidas! Logo depois, inicia-se outro hino, “A Ti, Senhor, Nossas Vidas” e por fim, o coro cantou o hino que consideramos o mais significativo para nossos esforços de compreensão da vida no além segundo o espiritismo, chamava-se “A Grande Jerusalém”. A aproximação da cidade celeste com o mosteiro não é arbitrária. O professor, Ricardo Costa<sup>viii</sup>, por exemplo, faz isso ao estudar a abadia de Cluny. Ele afirma que este mosteiro em particular era visto como a

Jerusalém celeste encarnada. Local voltado para o outro mundo, onde os monges conversavam com os mortos, sonhavam, viam anjos e demônios. Mas, ao mesmo tempo, desenvolviam tarefas bem práticas, necessárias à vida do corpo. Não é de estranhar, assim, que o além espírita do século XX possua habitantes que utilizem transporte coletivo e ao mesmo tempo em que reunam-se para entoar hinos ao Senhor.

Resta-nos tentar compreender uma representação do além constituída no Brasil do século XX, mas que recorre a imagens medievais. Um caminho possível é o entendimento do caráter anti-racionalista de uma parcela significativa do espiritismo brasileiro. Em toda a obra estudada aqui, percebemos a valorização do emocional, do sentimento e uma desvalorização da razão. Apenas para ilustrar o que estamos afirmando retiramos um trecho do primeiro capítulo, onde o personagem principal ainda está na região de sofrimento do além.

“os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos figuravam-se-me agora extremamente secundários para a vida humana (...) verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem.”<sup>ix</sup>

Assim, a permanência de imagens medievais em descrições contemporâneas do além não é aberração alguma – mesmo porque aberrações são apenas fatos que desconhecemos a causa – mas, pelo contrário, é muito coerente com o contexto histórico em que tais representações foram elaboradas.

---

<sup>i</sup> Doutorando em História pela UNESP/Assis, professor da Faculdade Metropolitana Londrinense

<sup>ii</sup> Todas as citações bíblicas foram retiradas da *BÍBLIA*: tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994, por isso acredito ser desnecessário indicar esta informação novamente

<sup>iii</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 2002 p.26

<sup>iv</sup> Id. Ibid. p. 57

<sup>v</sup> Id. Ibid. p. 60

<sup>vi</sup> MCGRATH, Alister E. *A Brief History of heaven*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002 p.18

<sup>vii</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 2002 p. 45-46

<sup>viii</sup> COSTA, Ricardo. *Cluny, Jerusalém celeste encarnada* (séculos X-XII). Disponível em [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com).

Acesso em: 19/03/05

<sup>ix</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 2002 p. 18